



FILMES  
QUE AMO  
— Lauro António

## **FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 24 MAIO 2021 - 19H00**

### **MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (entrada livre)**

#### **O MUNDO A SEUS PÉS**

**Título original: Citizen Kane**

Realização: Orson Welles (EUA, 1941-1942)



#### **OS MELHORES FILMES DE SEMPRE**

"Vertigo" o melhor filme de sempre?... "Sight & Sound" é uma revista inglesa de crítica cinematográfica que apareceu em 1932, passando, a partir de 1934, a ser editada pelo BFI (British Film Institute). A revista mantém-se ainda hoje como uma das publicações mais prestigiadas em todo o mundo. De edição mensal, dá igual importância a obras de grande público e de circuitos restritos, sendo dirigida por Gavin Lambert entre 1949 e 1955, depois (de 1956 a 1990), por Penelope Houston.

Actualmente é da responsabilidade de Nick James. Em 1952, a "Sight & Sound" organizou um primeiro inquérito entre críticos, realizadores, historiadores, académicos e distribuidores de todo o mundo, solicitando a cada um deles a sua lista dos 10 Melhores Filmes de Sempre. Do cômputo geral saiu uma lista que tinha à frente "Ladrões de Bicicletas", de Vittorio de Sica, e uma maioria de obras do cinema mudo: 1. Bicycle Thieves (25 votos), 2. City Lights (19), 2. The Gold Rush (19), 4. Battleship Potemkin (16), 5. Intolerance (12), 5. Louisiana Story (12), 7. Greed (11), 7. Le Jour se Leve (11), 7. The Passion of Joan of Arc (11), 10. Brief Encounter (10), 10. La Règle du Jeu (10) e 10. Le Million (10).

Dez anos depois, a revista repetiu o inquérito, com resultados bastante diferentes. "Citizen Kane", de Orson Welles, aparecia à frente: 1. Citizen Kane (22 votos), 2. L'Avventura (20), 3. La Règle du Jeu (19), 4. Greed (17), 4. Ugetsu Monogatari (17), 6. Battleship Potemkin (16), 7. Bicycle Thieves (16), 7. Ivan the Terrible (16), 9. La Terra Trema (14) e 10. L'Atalante (13). Em 1972, novo inquérito dava outro resultado mantendo, todavia, "Citizen Kane" na dianteira: 1. Citizen Kane (32 votos), 2. La Règle du Jeu (28), 3. Battleship Potemkin (16), 4. 8½ (15), 5. L'Avventura (12), 5. Persona (12), 7. The Passion of Joan of Arc (11), 8. The General (10), 8. The Magnificent Ambersons (10), 10. Ugetsu Monogatari (9) e 10. Wild Strawberries (9).

Nova década passou e, em 1982, a votação sofreu algumas alterações, mas Welles manteve-se na dianteira: 1. Citizen Kane (45 votos), 2. La Règle du Jeu (31), 3. Seven Samurai (15), 3. Singin' in the Rain (15), 5. 8½ (14), 6. Battleship Potemkin (13), 7. L'Avventura (12), 7. The Magnificent Ambersons (12), 7. Vertigo (12), 10. The General (11) e 10. The Searchers (11). Não deixa de ser interessante verificar as alterações. Alguns títulos foram desaparecendo, outros surgindo, alguns subindo ou descendo em virtude do "gosto" da época. Em 1992, a iniciativa manteve-se e o primeiro lugar também: 1. Citizen Kane (43 votos), 2. La Règle du Jeu (32), 3. Tokyo Story (22), 4. Vertigo (18), 5. The Searchers (17),

6. L'Atalante (15), 6. The Passion of Joan of Arc (15), 6. Pather Panchali (15), 6. Battleship Potemkin (15) e 10. 2001: A Space Odyssey (14).

No primeiro inquérito do século XXI (2002), "Vertigo" começa a ameaçar "Citizen Kane" que, todavia, mantém a hegemonia durante 50 anos: 1. Citizen Kane (46 votos), 2. Vertigo (41), 3. La Règle du Jeu (30), 4. The Godfather e The Godfather Part II (23), 5. Tokyo Story (22), 6. 2001: A Space Odyssey (21), 7. Battleship Potemkin (19), 7. Sunrise: A Song of Two Humans (19), 9. 8½ (18) e 10. Singin' in the Rain (17).

Em 2012, finalmente, a reviravolta: "Vertigo" em primeiro lugar, "O Mundo a Seus Pés" em segundo. Entretanto o universo de votantes também se alterou consideravelmente em número: 846 críticos, programadores, acadêmicos e distribuidores, notando a ausência de realizadores que agora tinham uma votação à parte. Os resultados: Vertigo (191 votos), 2. Citizen Kane (157), 3. Tokyo Story (107), 4. La Règle du Jeu (100), 5. Sunrise: A Song of Two Humans (93), 6. 2001: A Space Odyssey (90), 7. The Searchers (78), 8. Man with a Movie Camera (68), 9. The Passion of Joan of Arc (65) e 10. 8½ (64).

Desde 1992 que a "Sight & Sound" desde 92 que mantém uma votação para filmes e realizadores, com resultados bastante diferentes nalguns aspectos. Em 1992: 1. Citizen Kane, 2. 8½, 3. Raging Bull, 4. La Strada, 5. L'Atalante, 6. The Godfather, 6. Modern Times, 6. Vertigo, 9. The Godfather Part II, 10. The Passion of Joan of Arc, 10. Rashomon e 10. Seven Samurai. Em 2002:



1. Citizen Kane; 2. The Godfather e The Godfather Part II, 3. 8½, 4. Lawrence of Arabia, 5. Dr. Strangelove, 6. Bicycle Thieves, 6. Raging Bull, 6. Vertigo, 9. Rashomon, 9. La Règle du Jeu, 9. Seven Samurai. Finalmente em 2012 os resultados também diferiram da lista mais vasta: 1. Tokyo Story (48 votos), 2. 2001: A Space Odyssey (42), 3. Citizen Kane (42), 4. 8½ (40), 5. Taxi Driver (34), 6. Apocalypse Now (33), 7. The Godfather (31), 07. Vertigo (31), 9. The Mirror (30) e 10. Bicycle Thieves (29).

Até agora esteve a falar-se sobretudo de filmes de ficção (com uma ou outra exceção documental). Em 2014, a "Sight & Sound" realizou um inquérito sobre os Melhores Documentários de Sempre. Por curiosidade, aqui ficam os resultados: 1. Man with a Movie Camera (100 votos), 2. Shoah (68), 3. Sans Soleil (62), 4. Night and Fog (56), 5. The Thin Blue Line (49), 6. Chronicle of a Summer (32), 7. Nanook of the North (31), 8. The Gleaners and I (27), 9. Dont Look Back (25) e 9. Grey Gardens (25).

Entretanto, a "open culture", que se diz "the best free cultural & educational media on the web", reúne as mais recentes listas de Os Melhores Filmes de Sempre. Aqui ficam algumas: Os 10 Melhores Filmes de sempre para 846 críticos de cinema: Citizen Kane (Orson Welles, 1941), Tokyo Story (Yasujirô Ozu, 1953), La Règle du jeu (Jean Renoir, 1939), Sunrise (F.W. Murnau, 1927), 2001: A Space Odyssey (Stanley Kubrick, 1968), The Searchers (John Ford, 1956), Man with a Movie Camera (Dziga Vertov, 1929), The Passion of Joan of Arc (Carl Theodor Dreyer, 1928) e 8½ (Federico Fellini, 1963).

Outra sondagem; Os 10 Melhores Filmes de sempre para 358 realizadores: 1. Tokyo Story – Yasujiro Ozu (1953), 2. 2001: A Space Odyssey – Stanley Kubrick (1968) e Citizen Kane – Orson Welles (1941) 4. 8 ½ – Federico Fellini (1963), 5. Taxi Driver – Martin Scorsese (1976), 6. Apocalypse Now – Francis Ford Coppola (1979), 7. The Godfather – Francis Ford Coppola (1972) e 7. Vertigo – Alfred Hitchcock (1958), 9. Mirror – Andrei Tarkovsky (1974) e 10. Bicycle Thieves – Vittorio De Sica (1949).

Mais curiosidades: Os 10 Melhores Filmes de sempre para Woody Allen: The 400 Blows (François Truffaut, 1959), 8½ (Federico Fellini, 1963), Amarcord (Federico Fellini, 1972), The Bicycle Thieves (Vittorio de Sica, 1948), Citizen Kane (Orson Welles, 1941), The Discreet

Charm of the Bourgeoisie (Luis Buñuel, 1972), Grand Illusion (Jean Renoir, 1937), Paths of Glory (Stanley Kubrick, 1957), Rashomon (Akira Kurosawa, 1950), The Seventh Seal (Ingmar Bergman, 1957).

Os 12 Melhores Filmes de sempre para Martin Scorsese: 2001: A Space Odyssey (1968) – Stanley Kubrick, 8½ (1963) – Federico Fellini, Ashes and Diamonds (1958) – Andrzej Wajda, Citizen Kane (1941) – Orson Welles, The Leopard (1963) – Luchino Visconti, Paisan (1946) – Roberto Rossellini, The Red Shoes (1948) – Michael Powell/Emeric Pressburger, The River (1951) – Jean Renoir, Salvatore Giuliano (1962) – Francesco Rosi, The Searchers (1956) – John Ford, Ugetsu Monogatari (1953) – Mizoguchi Kenji e Vertigo (1958) – Alfred Hitchcock. Os 10 Melhores Filmes de sempre para Stanley Kubrick: 1. I Vitelloni (Fellini, 1953), 2. Wild Strawberries (Bergman, 1957), 3. Citizen Kane (Welles, 1941), 4. The Treasure of the Sierra Madre (Huston, 1948), 5. City Lights (Chaplin, 1931), 6. Henry V (Olivier, 1944), 7. La notte (Antonioni, 1961), 8. The Bank Dick (Fields, 1940), 9. Roxie Hart (Wellman, 1942), 10. Hell's Angels (Hughes, 1930).

Os 12 Melhores Filmes de sempre para Quentin Tarantino: Apocalypse Now (Francis Ford Coppola, 1979), The Bad News Bears (Michael Ritchie, 1976), Carrie (Brian de Palma, 1976), Dazed and Confused (Richard Linklater, 1993), The Good, the Bad, and the Ugly (Sergio Leone, 1966), The Great Escape (John Sturges, 1963), His Girl Friday (Howard Hawks, 1939), Jaws (Steven Spielberg, 1975), Pretty Maids All in a Row (Roger Vadim, 1971), Rolling Thunder (John Flynn, 1997), Sorcerer (William Friedkin, 1977) e Taxi Driver (Martin Scorsese, 1976).

E agora, na minha modesta opinião, os Dez Melhores filmes de sempre, escolhidos no dia 30 de Julho de 2007, quando iniciei um inquérito num blogue criado especialmente para o efeito, e que reunia escolhas de vários autores de blogues.

Explicava assim a iniciativa: Desta feita vou eu lançar um desafio à blogosfera nacional (e internacional). Que tal elegermos, cada um de nós, os "10 Filmes e os 10 Cineastas da Nossa Vida". As razões para a escolha são as mais diferentes, e cada um terá a sua (ou mesmo as suas). Regras: 10 Filmes, sendo cada um de um autor diferente.

A minha lista aqui vai: O Mundo a Seus Pés (Orson Welles), A Grande Ilusão (Jean Renoir), Lágrimas e Suspiros (Ingmar Bergman), Serenata à Chuva (Gene Kelly e Stanley Donen), Ladrões de Bicicletas (Vittorio De Sica), O Vale Era Verde (John Ford), Os 400 Golpes (François Truffaut), O Leopardo (Luchino Visconti), Casablanca (Michael Curtis) e A Janela Indiscreta (Alfred Hitchcock). Dizia eu ainda: sem ordem de preferência (como custa sacrificar mais uns 50!).



ORSON WELLES' CITIZEN KANE A. JAMES F. BARKER

## O MUNDO A SEUS PÉS

O início de "Citizen Kane" é admirável: grades de um portão. Um monograma: K. Um letreiro: interdita a passagem. A bruma e ao longe um castelo: Xanadu. De Kublan Khan a C. F. Kane. Uma janela vista do exterior, uma pequena luz que se mantém no mesmo ponto do écran, apesar dos planos que se sucedem, um corpo em silhueta, uma vela que se apaga. A mesma janela, agora do interior. A mesma silhueta. Nas mãos do "cidadão" uma bola de vidro com uma paisagem de neve. A bola de vidro rola dos dedos cansados para o chão, onde se parte. Dos lábios de Kane nasce uma palavra "Rosebud".

Um corte súbito na banda sonora e uma marcha apoteótica indicam o início da projecção de um jornal de actualidades. Irá principiar aqui a viagem em redor de um cidadão.

Quem era Charles Foster Kane? As "actualidades" mostram a diversidade de opiniões que os contemporâneos guardavam da sua memória: "É um comunista!"; "É um fascista!" As imagens das actividades públicas de Kane não permitem conclusões satisfatórias. Estamos

ainda na epiderme de um homem e todas as contradições de uma sociedade como a americana são notoriamente visíveis. Kane foi, sucessivamente, e em simultâneo, uma infinidade de coisas, preenchendo com a sua vida os conceitos mais variados. O director do jornal de actualidades não se dá por satisfeito com a sucessão das imagens e quer ir mais além. Saber quem foi realmente Kane. Saber o que queria dizer "Rosebud", sua última palavra. Para tentar descobrir isso, envia repórteres a interrogar os amigos e conhecidos daquele que em Xanadu morrera só.

Um dos jornalistas vai folhear memórias numa biblioteca, o que lhe permite penetrar na infância de Kane. O inquérito prossegue junto de Bernstein, que relembra o dia em que Kane entrou na redacção do "Inquire" e o casamento com a sobrinha do presidente dos EUA. Mais tarde, Leland evoca a crise política de Kane, descoberto pelo candidato rival numa aventura amorosa com uma cantora de ópera de décima ordem. Uma aventura que lhe custará o lugar para governador e o seu casamento.

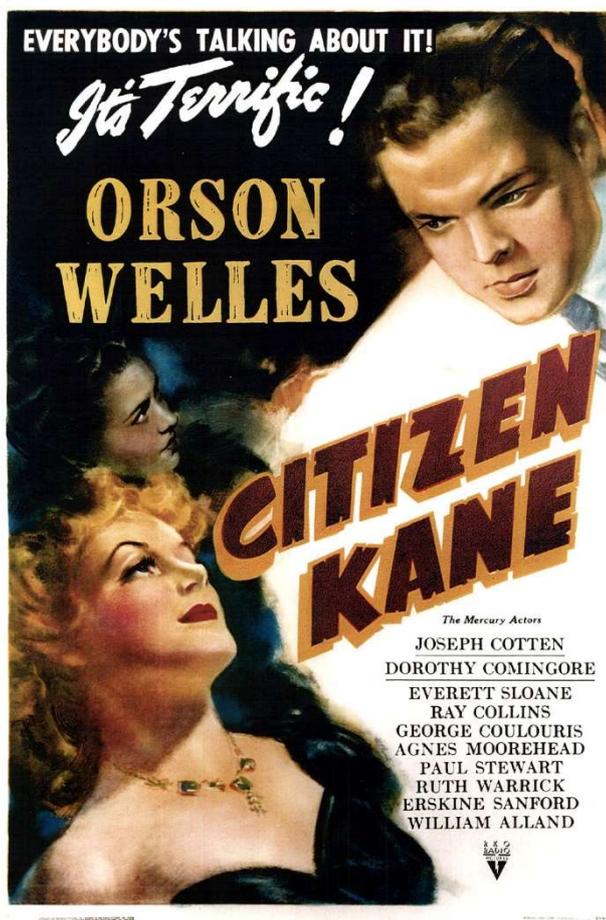
De novo só, Kane casa-se com Susan, a quem obriga a ser cantora de ópera. É esta quem descreverá esses tempos, a sua tentativa de suicídio e, finalmente a separação. Kane só, em Xanadu, última parcela de um "puzzle" que será reconstruído pelo mordomo do palácio. Rosebud? Será a bola de vidro que lhe rodou das mãos no momento da morte?, pergunta-se o mordomo. Mas, entre os despojos de Xanadu, um trenó de criança é lançado às chamas. A madeira, vorazmente envolvida pelo fogo, deixa ver uma palavra: será essa a chave do enigma? O mundo da infância, perdido para sempre aos oito anos, será para Kane o centro do puzzle? O centro de um puzzle que o jornalista nunca descobrirá. Um segredo que Welles nos revela. Será esse um segredo pessoal?

Vemos assim como todo o filme se desenrola como uma investigação, uma peregrinação pelos labirintos íntimos de um homem. Dele temos, primeiramente, as imagens possíveis de qualquer jornal de actualidades. O que fez, quando fez, o que dele dizem, apressadamente, companheiros e adversários. Depois, lentamente, o círculo em redor de Kane vai-se fechando. São novos depoimentos, são novas reconstituições, novos "flashes backs" que penetram a memória e reconstituem o passado. Kane vai progressivamente ganhando uma presença diferente. A silhueta que dele víamos no início vai-se preenchendo de formas, "nuances", sombras e, finalmente, o retrato, ainda que contraditório, ainda que ambíguo, ainda que polivalente, vai-se construindo. Charles Foster Kane é tão simplesmente um americano. Aliás, esta ideia de "puzzle", de reconstituição de imagens ou de tempo, está presente em "Citizen Kane" a vários níveis. São os monstruosos "puzzles" de Susan (que nunca chegamos a ver terminados), é esse enorme Xanadu, repositório de vários estilos, argamassa de tons diversos, «museu ideal» de Kane, é essa ânsia de aprisionar as próprias pessoas. Mesmo ao nível de sentimentos, Kane tenta organizar em redor de si um outro enorme "puzzle" de pessoas que o amem, o respeitem, o venerem. "Nada dando em troca", como acusa Susan (que, no entanto, não pode deixar de lamentar o seu desaparecimento). Orson Welles, com Kane, abre ao cinema os caminhos da modernidade. Com Orson Welles, com "Citizen Kane", alguma da liberdade é restituída ao espectador. De que maneira? Pois, em primeiro lugar, pela forma como Welles faculta elementos de um "puzzle", nunca impondo uma informação unívoca à figura. Isto é, para cada espectador Kane será, como para qualquer concidadão, uma figura a interpretar, a decifrar por si mesmo. O próprio Welles não saberá talvez quem é Kane, qual a posição a assumir frente a esta personagem. Na verdade, toda a filmografia de Welles nos mostra o extraordinário fascínio que certas figuras excessivas e demenciais exercem sobre o cineasta. É evidente que Welles se sente identificado com Kane; é óbvio que existem muitas afinidades entre as duas personagens. Mas Orson Welles, lúcido e avisado, sabe os limites, conhece as falhas, oferece os dados que permitem criticar, ou distanciar, as figuras, reduzindo-as às suas verdadeiras dimensões. Para conseguir manter esta liberdade de opção, Welles oscila entre diversos estilos, desde a aparente neutralidade narrativa, servindo-se para isso de actualidades (forjadas, evidentemente...), até uma construção barroca de planos, perfeitamente revolucionária na época. Na verdade, em "Citizen Kane", à medida que se progride na complexidade e interiorização da figura, evolui-se também para uma maior complexidade narrativa,

conjugando-se planos rapidíssimos, com planos-sequência, onde se nota um aturado trabalho de "mise en scène", ao longo de toda a profundidade de campo, conduzido por hábeis movimentos de câmara.

O realizador empenha-se, não raro, em sobrecarregar os planos com uma carga emocional determinada não só através do enquadramento, da iluminação, da utilização de lentes grandes angulares (com o conseqüente aumento de profundidade de campo, que lhe irá permitir uma "mise en scène" em profundidade), como através do próprio traçado dos cenários (onde são visíveis influências do expressionismo) e no tratamento da banda sonora, invulgarmente trabalhada e cuidada, de forma a produzir certas clivagens no ritmo geral da narrativa (lembramo-nos, por exemplo, do grito de uma ave, presença perfeitamente gratuita na aparência, e que, todavia, irá provocar uma cisão no desenvolvimento dramático do filme).

Se o cinema americano tinha sido, até 1942, Griffith e John Ford, os artífices do classicismo, nada será como antes depois de "Citizen Kane", que abre o cinema aos terrenos da modernidade. Um filme memorável, portanto, para o qual não se solicita a atenção do público, mas sim o seu amor. Orson Welles bem o merece. Ele continua a ser o "mestre".



## O MUNDO A SEUS PÉS

**Título original: Citizen Kane**

**Realização:** Orson Welles (EUA, 1941-1942);  
**Argumento:** Herman J. Mankiewicz e Orson Welles (John Houseman e Joseph Cotten, não creditados);  
**Montagem:** Robert Wise e Mark Robson; **Fotografia** (preto e branco): Gregg Toland; **Operador:** Bert Shipman; **Música:** Bernard Herrmann; **Cenários:** Van Nest Polglase e Perry Ferguson; **Decorador:** Darrell Silvera; **Assistente de realização:** Richard Wilson; **Som:** Bailey Fesler, James G. Stewart; **Efeitos especiais:** Vernon L. Walker; **Guarda-roupa:** Edward Stevenson; **Produtor:** Orson Welles; **Produtor associado:** Richard Barr; **Produtor executivo:** George J. Schaefer; **Produção:** A Mercury Production by Orson Welles / RKO: Radio Pictures;

**Intérpretes:** Orson Welles (Charles Foster Kane); Joseph Cotten (Jedediah Leland); Dorothy Comingore (Susan Alexander); Everett Sloane (Mr. Bernstein); Ray Collins (Boss J.W. "Big Jim" Gettys); George Coulouris (Walter Parks Thatcher); Agnes Moorehead (Mary Kane); Paul Stewart (Raymond), Ruth Warrick (Emily Norton Kane); Erskine Sanford (Herbert Carter); William Alland (Jerry Thompson); Fortunio Bonanova (Matisti); Gus Schilling (Mordomo do "Rancho"); Philip Van Zandt (Mr.

Rawlston); Georgia Backus (Miss Anderson); Harry Shannon (Jim Kane); Sonny Bupp (Kane III); Buddy Swan (Kane aos 8 anos); Alan Ladd (Repórter); Arthur O'Connell (Repórter), Kathryn Trosper (Repórter), Richard Baer (Hillman), Charles Bennett (actor), Joan Blair (Georgia), Edmund Cobb (Repórter do Inquirer), Eddie Coke (Repórter), Gino Corrado (Gino, empregado), Herbert Corthell (editor do Inquirer), Thomas A. Curran (Teddy Roosevelt), Louise Currie (Repórter), Robert Dudley (Fotógrafo), Al Eben (Mike), Edith Evanson (Enfermeira), Jean Forward (Cantora de Opera), Arthur Kay (Maestro), Milton Kibbee (Repórter), Alan Ladd (Repórter de cachimbo), Ellen Lowe (Miss Townsend), Herman J. Mankiewicz (Jornaleiro), Irving Mitchell (Dr. Corey), Frances E. Neal (Ethel), Thomas Pogue, Guy Repp (Repórter), Benny Rubin (Smather), Walter Sande (Repórter), Gregg Toland

(Entrevistador), Patrick Whitney (Repórter), Tudor Williams (director de coros), Richard Wilson (Repórter), etc.

**Duração:** 119 minutos; Rodagem: Hollywood (entre 30 de Julho e 23 de Outubro de 1940); Estreia: 9 de Abril de 1941 (New York Palace, Nova Iorque); Distribuição internacional; RKO Radio Pictures; Distribuição em Portugal (cópia nova): Filmes Lusomundo; Edição vídeo: Costa do Castelo; Classificação: M/ 12 anos.

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 31 MAIO 2021**  
**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)**

**GOSFORD PARK**

**Título original: Gosford Park**

**Realização:** Robert Altman (EUA, Inglaterra, 2001) m/12 ANOS | Duração: 131 minutos